

Di-versos e um *Caldeirão de poemas*: as antologias traduzidas de Tatiana Belinky

Sandrelle Rodrigues de Azevedo*

Resumo

A literatura infantil nacional, desde seus primórdios, é marcada pela presença volumosa de traduções de produções estrangeiras. Essa predominância se mantém até meados da década de 1970, quando esse cenário começa a se modificar lentamente, e o mercado editorial brasileiro vai se alargando com a produção nacional. Nesse período, além de se tornarem célebres por sua produção autoral, dedicam-se à tradução de obras importantes autores como José Paulo Paes, Henriqueta Lisboa e Tatiana Belinky.

É nas traduções de poemas realizadas por Tatiana Belinky que nos detemos neste artigo, trazendo luz a essa parte da produção da autora, por vezes tão pouco lida e citada. Dentre suas obras, fruto de traduções, enfocamos os textos poéticos que compõem duas coleções: *Di-versos*: Russos (1990), Hebraicos (1991) e Alemães (1993) e *Um caldeirão de poemas*, 1 (2003) e 2 (2007). São, portanto, cinco antologias que somam cento e vinte seis poemas, uma contribuição significativa dentro do universo de nossa poesia para crianças e jovens.

Palavras-chave: tradução; poesia infantil; Tatiana Belinky.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3232-7759>.

Di-versos and *Caldeirão de poemas*: the anthologies Translated by Tatiana Belinky

Abstract

National children's literature, since its beginnings, is marked by the voluminous presence of translations of foreign productions. This predominance continued until the mid-1970s, when this scenario slowly began to change, and the Brazilian publishing market expanded with national production. During this period, in addition to becoming famous for their authorial production, they dedicated themselves to the translation of important works by authors such as José Paulo Paes, Henriqueta Lisboa and Tatiana Belinky.

It is in the translations of poems carried out by Tatiana Belinky that we focus in this article, bringing light to this part of the author's production, sometimes so little read and cited. Among his works, the result of translations, we focus on the poetic texts that make up two collections: *Di-versos*: Russos (1990), Hebraicos (1991) and Alemães (1993); and *Um caldeirão de poemas*: 1 (2003) and 2 (2007). There are, therefore, five anthologies that add up to one hundred and twenty-six poems, a significant contribution within the universe of our poetry for children and young people.

Keywords: translation; children's poetry; Tatiana Belinky.

Introdução

Se pensarmos a participação da tradução no processo de formação da literatura infantil nacional, veremos que, desde seus momentos inaugurais, os produtos que circulavam no Brasil eram predominantemente frutos da importação de obras, via adaptações e traduções. Os primeiros livros para crianças brasileiras traduzidos vieram de Portugal durante a segunda metade do século XIX. Nesse momento, ainda direcionados à leitura escolar, circulavam traduções, por exemplo, das obras de Daniel Defoe, Swift, Walter Scott, Cônego Schmidt, entre outros (ARROYO, 2011, p.132-135).¹ Só no fim do século XIX, vemos as primeiras traduções em português brasileiro.

No início do século XX, Monteiro Lobato seria o principal nome da literatura infantil nacional, não apenas pela sua contribuição no mercado editorial, mas, principalmente, pela publicação das histórias do Sítio do Picapau Amarelo, obras com características tão inovadoras para a época que fizeram Lobato ser considerado o pai da literatura para crianças no Brasil.

Entretanto, ao lado de sua produção autoral, é importante destacar também a dedicação de Lobato à tradução e adaptação de clássicos da literatura mundial, entre os quais podemos destacar *Robinson Crusoe* (1930), *Alice no País das Maravilhas* (1931), *Pinocchio* (1933) e *As viagens de Gulliver* (1937) (LIMA, 2018).

Segundo Debus e Torres (2016, p.11),

Na década de 1940, Lourenço Filho avaliava que 70% da produção literária destinada à criança brasileira consistia em traduções de textos estrangeiros, preocupação gerada pela invisibilidade de uma produção nacional que circulava em torno de meia dúzia de autores, o que persiste até a década de 1970.

Somente no final da década de 1970, essa presença predominante de traduções começa a se modificar lentamente, e o mercado editorial brasileiro vai se alargar com a produção nacional. Contudo, além de serem célebres

¹ Para informações cronologicamente mais detalhadas sobre essa fase de traduções no Brasil, Leonardo Arroyo, em sua obra *Literatura infantil brasileira* (2011), dedica dois tópicos a essa temática.

por sua produção autoral, se dedicaram à tradução de obras importantes autores como José Paulo Paes, Henriqueta Lisboa e Tatiana Belinky.

É nas traduções de poemas realizadas por Tatiana Belinky que queremos nos deter neste artigo, trazendo luz a essa parte da produção da autora, por vezes tão pouco lida e citada.

Um pouco de Tatiana Belinky

Tatiana Belinky (1919-2013) foi uma mulher múltipla, exercendo, dentre tantas outras profissões voltadas para o mundo artístico, a de escritora, tradutora e adaptadora de mais de 250 livros infantil e juvenis. Russa naturalizada brasileira, a autora se torna mais conhecida do grande público quando, nos anos 1970, ela e o marido, Júlio Gouveia, fazem a primeira adaptação para a TV do *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato.

Sua estreia na literatura para crianças acontece só em 1987, com o livro *Limeriques*, composto por poemas escritos na forma que dá título à obra, inspirada nos *limericks* populares na literatura inglesa.²

Falante de russo, alemão, letão, inglês, francês e português, Belinky utilizou seu conhecimento de tantas línguas para enriquecer e diversificar os escritos que produziu para a infância, chegando a adaptar para crianças autores como Tostói e Liescov. Em uma de suas premiadas antologias de contos, *Salada Russa* (1988), incluiu autores como Tchekhov, Gorki e Puchkin.

Dentre suas obras, fruto de traduções, gostaríamos de enfocar neste artigo os textos poéticos que compõe duas coleções: *Di-versos*, Russos (1990), Hebraicos (1991) e Alemães (1993) e *Um caldeirão de poemas*, 1 (2003) e 2 (2007). São, portanto, cinco antologias que somam cento e vinte

2 A posteriori, Tatiana Belinky se dedicou com frequência a essa forma lírica, publicando vários livros – *Desatreliques* (2000), *Bregaliques* (2002), *Bisaliques* (2005), *Limeriques do bípode apaixonado* (2005), *Bicholiques* (2006), *Limeriques da coroa implicante* (2006), *Salada de limeriques* (2007), *Temqueliques: limeriques do poderoso e perigoso* (2008), *Limeriques das causas e efeitos* (2008), *Cacoliques* (2009), *Língua de criança: limeriques às soltas* (2011), *Limeriques para pinturas* (2013), *Limeriques das coisas boas* (2013), *Medoliques* (2014), *Limeriques estapafúrdios* (2014), são alguns deles – todos voltados para o público infantil e juvenil. Uma dessas obras é analisada no artigo “A poesia infantil de Tatiana Belinky: sobre *Limeriques do bípode apaixonado* e outras obras” (2021) (Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/rt/printerFriendly/2212/0>).

seis poemas, uma contribuição significativa dentro do universo de nossa poesia para crianças e jovens. Em se tratando dessas traduções, Tatiana foi agraciada com as seguintes premiações: Prêmio “Monteiro Lobato”, de tradução da FNLIJ 1990, por *Di-versos Russos*; Prêmio Altamente Recomendáveis Tradução 1990, por *Di-versos Hebraicos*; Prêmio Altamente Recomendáveis Poesia 1993, por *Diversos Alemães*.

Di-versos

Nessa coleção, publicada pela Editora Scipione, nos anos iniciais da década de 1990, temos poemas em três línguas com as quais a autora tinha ligações que poderíamos chamar de biográficas. Nas apresentações dos títulos, Belinky explica como aprendeu a falar cada um dos idiomas e cita os critérios de escolha dos poemas: “Eu os traduzi e adaptei, porque gosto deles há muito tempo [...]” (BELINKY, 1990, p. 4) e porque “transmitem sensibilidade, otimismo e esperança [...]” (BELINKY, 1991, p. 4).

A autora explica também os três motivos que a levaram a escolher o título da coleção como *Di-versos*: “Trata-se de um trocadilho triplo, porque fala de três coisas sobre este livro: as suas histórias são todas diferentes, portanto diversas; são todas poesias, portanto em versos; e são... bem, pelo menos eu acho que são, divertidas [...]” (BELINKY, 1990, p. 4).

De cada um dos autores traduzidos, Belinky apresenta uma pequena biografia antes dos poemas. E também traz para o leitor alguma informação pessoal sobre sua vida, seja um dado biográfico, seja sobre seu fazer artístico, ou ainda alguma informação sobre o lugar de origem dos poemas. Vejamos um exemplo:

Vim para o Brasil quando tinha dez anos de idade e, desde que cheguei, sempre quis compartilhar com as crianças brasileiras as alegrias que curti com a leitura de livros, fossem histórias, contos, crônicas, poesias, teatro – tudo!

Bem, eu cresci, estudei, casei, tive filhos e netos aqui no Brasil – sempre em São Paulo. Fiz muitos trabalhos em teatro e televisão para crianças e jovens, escrevi diversos livros, traduzi muitos outros, de várias línguas. Ainda e sempre querendo repartir com você as emoções das aventuras que moram entre as duas capas de um livro. (BELINKY, 1990, p. 4-5).

O primeiro livro publicado é o das traduções do russo, justamente pela nacionalidade da autora, que retoma os poemas que marcaram sua infância e adolescência. Em *Di-versos: Russos* (1990) temos dez poemas divididos de maneira desigual por cinco autores: cinco poemas de Samuil Marchak, dois de Ivan Krilov, um de Sacha Tchorny, um de Serguei Mikhalcov e um de Vladimir Maiakovski.

Por serem autores diferenciados, o estilo dos textos vai mudando, mas podemos considerar como predominantes os poemas mais longos e de abordagem bem-humorada, bem como a utilização da distribuição inusitada dos versos nas páginas, junto com as ilustrações de Cláudia Scatamacchia.

Vejamos dois exemplos:

Seis zeros

(Samuil Marchak)

Chegou jururu da escola o Joaquim
Trazendo seis zeros no seu boletim.

Ao ver essas notas, o pai alarmado
O filho interpela, perplexo e zangado:

— Por que este zero, este aqui, o primeiro?
Como é que foi isto, moleque arteiro?

— É que o professor, pai, é meu desafeto.
Foi só porque eu disse que eclipse é um inseto.

Comenta a mamãe, com suspiros e ais:
— Por essa resposta, até zero é demais!

E o Quim logo explica, enxugando o suor:
— Na escola não tem uma nota menor...

— E este outro zero, por que, filho meu?
— Falei que na horta é que cresce o pigmeu.

— E este outro aqui, zero número três?

— Eu disse que a cabra é um felino chinês.

— E o quarto dos zeros, explica, malandro!

— Falei de um cometa da espécie escafandro.

— E o número cinco, por que este zero?

— Pensei que batráquio era um rei, como Nero.

— E o último zero no teu boletim? —

O pai indignado esbraveja por fim.

— Foi só porque eu disse que a hipotenusa

É mestiça de um pônei com uma medusa...

— Que horror! — geme a mãe.

— Sai da sala, Joaquim!

Pro quarto! E carrega este teu boletim!

E lá vai o Quim — não se faz de rogado —

Direto pra cama: “Estou muito cansado!”.

Logo adormeceu, e dormiu e rondou,

E em meio aos roncos, um sonho sonhou:

Seu quarto invade um furioso Cometa,

Trajando escafandro e fazendo careta,

E zumbe um Eclipse em volta da cama,

Enquanto na horta um pigmeu cresce e chama!

E um gato, com chifres de cabra montês

Exibe suas garras, balindo em chinês!

E irrompe guinchando uma Hipotenusa,

Com cascos de pônei e olhar de medusa,

E um sapo de toga e com cara de Nero
Pula no seu peito — ai! ui! Que entrevero!

E todos atacam o Quim tremebundo
E urram: — Chegou tua vez, vagabundo!

Em monstros horrendos tu nos transformaste.
Agora tu não nos escapas, ó traste!

De susto, da cama despenca o Joaquim:
Aberto ao seu lado está o seu boletim.
(BELINKY, 1990, p. 23-27).

Temos aqui um poema praticamente todo composto por dísticos que rimam entre seus dois versos. Em sua primeira parte, vemos uma conversa entre o filho que tirou só zeros no boletim e os questionamentos dos seus pais em relação ao seu resultado. Nesse trecho dialogado, o tom jocoso está nas respostas inusitadas de Quim que acabaram por lhe render as notas baixas. Já na segunda parte, em que temos o relato do sonho do menino, vemos emergir como que “numa vingança”, todos os seres que o menino havia citado antes em suas respostas. Uma curiosidade formal do poema é a predominância dos versos de onze sílabas, o que na nossa tradição lírica é pouco comum. É interessante destacar o fato de que não há castigo, nem um tom moralista por parte dos pais. No entanto, o ato de sonhar revela que o garoto é que se sente, de alguma maneira, castigado pelos seus próprios atos.

Ainda com as características de serem poemas longos e bem-humorados, o que não é muito comum na poesia infantil/juvenil brasileira, vejamos o exemplo a seguir:

Que bagagem!
(Samuil Marchak)

Madame entregou, co'a passagem,
No carro-vagão de bagagem:
uma arca

um cestão
um quadro
um colchão
um saco
um caixote,
mais um cachorrinho-filhote.

Em troca, lhe deram então
Recibos, num verde talão,
pela arca
o cestão
o quadro
o colchão
o saco
o caixote,
e pelo cãozinho-filhote.

E da plataforma, ligeiro,
Passaram para o bagageiro:
a arca
o cestão
o quadro
o colchão
o saco
o caixote,
e o tal cachorrinho-filhote.

Mas nem bem o sino tiniu,
Do carro o filhote fugiu!
Só deram por falta do cão,
Os homens, na sexta estação.
Contaram então:
uma arca

um cestão
um quadro
um colchão

um saco
um caixote,
que susto! Cadê o filhote?!

Por sorte, bem junto ao vagão,
Pegaram baita cachorrão
Sem dono, de pelo eriçado,
Que foi no vagão trancafiado
com arca

 e cestão
 com quadro
 e colchão
 com saco
 e caixote,
em vez do extraviado filhote.

Chegando ao fim da viagem,
Lá vai no carrinho a bagagem:
uma arca

 um cestão
 um quadro
 um colchão
 um saco
 um caixote,
e atrás vem o falso filhote.

A fera soltou um rosnido,
Madame fez um alarido:
— Bandidos! Ladrões! Que desgraça!
O meu cachorrinho é de raça!
Não vou tolerar! —
E pôs-se a chutar
a arca

 o cestão
 o quadro
 o colchão

o saco

o caixote.

— Devolvam já já o meu filhote!

Responderam-lhe os homens: — Perdão,

Madame, mas nesta estação,

Segundo o talão, haja vista,

Completa está toda a sua lista:

uma arca

um cestão

um quadro

um colchão

um saco

um caixote,

mais um cachorrinho-filhote.

Só que, nesta longa viagem,

Lá dentro do carro-bagagem,

É claro o que aconteceu:

O seu cachorrinho... CRESCEU!

(BELINKY, 1990, p. 17-21).

Utilizando o recurso da repetição, quase como um refrão, tradicional nas brincadeiras e cantigas infantis, esse poema descreve de maneira divertida o sumiço de um filhote de cachorro e a solução encontrada pelos funcionários do trem para tentar resolver a situação. O início de cada estrofe é formada por uma quadra, cujas rimas – *aabb* – conferem uma sonoridade que lembra o modelo do dístico do poema anterior, só que aqui com versos de oito sílabas, aspecto também diferencial do que se produz no Brasil.

O segundo livro da coleção é o *Di-versos: Hebraicos* (1991). Neste, temos quinze poemas, divididos entre dez autores, dos quais três são mulheres, traduzidos por Tatiana Belinky e Mira Perlov.

Na apresentação desse título, as autoras contam um pouco sobre o apagamento sofrido pela língua hebraica durante o período da Segunda Guerra Mundial.

O hebraico é uma língua muito antiga. A Bíblia, por exemplo, foi escrita em hebraico há milhares de anos. Mas durante muitos séculos essa língua não foi falada pelos hebreus, ou judeus, dispersos pelo mundo. Eles a usavam somente para ler e estudar seus livros sagrados, enquanto falavam e escreviam nas línguas dos países onde viviam, fora da Palestina, a Terra Santa.

Depois da Segunda Guerra Mundial, quando o Estado de Israel foi proclamado pela ONU (Organização das Nações Unidas), muitos refugiados, e outros judeus do mundo inteiro, foram para lá, viver, trabalhar e reconstruir seu país. Assim, com o renascimento de Israel, recuperou-se também o idioma hebraico como língua falada e escrita normalmente pela população.

Diante disso, e com os olhos no futuro, muitos escritores e poetas israelenses, tanto nativos como os que posteriormente foram para Israel, começaram a escrever para crianças, em hebraico moderno e atualizado. (BELINKY, 1991, p. 4-5).

A seleção de poemas feita para essa obra nos parece um pouco menos “divertida” que a do livro anterior, em relação à abordagem dos textos, de caráter mais subjetivo.

Vejam os poemas traduzidos como “Dani, o valente”, escrito originalmente por Miriam Yallan-Shteklis, que, segundo nos contam Belinky e Perlov, é considerada a maior poeta infantil de Israel.

Dani, o valente

(Miriam Yallan-Shteklis)

Mamãe me disse: — Meu filho Dani
é esperto e é ajuizado,
Meu filho é valente, não chora
como um bebezinho mimado.
Eu nunca choro, sou bravo,
e os valentes não choram.
Então por que, mãe, por que
essas lágrimas choram sozinhas?

Eu dei uma flor para a Núrit,
pequena, azul, bonitinha,

Dei-lhe uma maçã que era minha,
eu dei-lhe tudo o que tinha.

A Núrit comeu a maçã,
jogou no pátio a florzinha,
E foi brincar com um menino,
um só, o outro, da casa vizinha.

Eu nunca choro, sou bravo,
e os valentes não choram.
Então por que, mãe, por que
essas lágrimas choram sozinhas?
(BELINKY, 1991, p. 9).

Esse poema que, segundo a tradutora, “se transformou numa das mais populares canções infantis de Israel [...]” (BELINKY, 1991, p. 9), relata, de maneira muito sensível, o que parece ser a primeira desilusão amorosa de Dani. O menino parece não conseguir entender como, embora seja valente e bravo, não consiga segurar as lágrimas, que “choram sozinhas”.

Há uma mescla de versos de sete e oito sílabas; as rimas comparecem nas estrofes, mas não são regulares, o que pode revelar um pouco da irregularidade sentimental dele.

Nos outros poemas notamos uma linguagem que nos parece não tão infantil, e, até mesmo, menos lírica, como no poema a seguir:

O homem
(Dan Peguis)

O homem é um bípede muito estranho:
De carne e osso ele é parecido
Com outros bichos selvagens,
Mas tão-somente ele
Cozinha bichos, e bichos tempera.
Somente ele veste e calça os bichos,
Só ele pensa que é diferente no mundo,
Só ele reclama

Contra tudo o que tem que ser,
E só ele
Anda de motocicleta,
De livre e espontânea vontade.
Ele tem vinte dedos,
Tem dois ouvidos
E cem corações.

(BELINKY, 1991, p. 53).

Nesse poema, em verso livre, temos uma reflexão sobre as diferenças entre os homens e os outros animais, e as incoerências das atitudes de uns em relação aos outros, principalmente no modo como os homens tratam os outros seres vivos.

Na apresentação do último livro da coleção, embora a autora se refira a ele não como o derradeiro, temos mais uma vez detalhes biográficos que desvendam um pouco mais de Belinky para o seu leitor:

Aprendi a ler aos quatro anos. Desde pequena, sempre gostei de contos, histórias, romances e, claro, também de poesias. Eu lia em dois idiomas: em russo, porque foi minha língua materna, e em alemão, porque tive uma governanta que, além de falar nessa língua comigo e com meu irmão menor, gostava de ler muitas poesias para nós.

Chegando ao Brasil, logo comecei a falar e a ler em português. Depois aprendi a ler em inglês e francês, de tanta vontade de conhecer livros e poesias dessas línguas. Poder ler e entender coisas bonitas em vários idiomas é um grande prazer, podem crer!

E como eu queria muito – e ainda quero – repartir com as crianças brasileiras as alegrias e as emoções das amadas leituras poéticas, comecei a traduzir as preferidas da minha própria infância e adolescência. (BELINKY, 1993, p. 5).

Vemos posta aí a intenção da autora em compartilhar com as crianças as possibilidades literárias, não só em língua portuguesa, mas na maior diversidade de idiomas possíveis.

Em *Di-versos: Alemães*, temos treze poemas, de sete poetas diferentes, sendo a maior quantidade de textos, quatro, daquele que é

considerado “o maior poeta da língua alemã e um dos mais famosos do mundo [...]” (BELINKY, 1993, p. 7), Goethe.

Há também, nessa última obra, uma mudança na ilustradora. Enquanto os dois outros livros da coleção foram ilustrados por Cláudia Scatamacchia, a versão de traduções do alemão foi ilustrada por Cecília Iwashita, que tem como característica de suas ilustrações um caráter mais realista, que possivelmente combinou melhor com os poemas alemães, que podem “assustar um pouco – de brincadeirinha, claro” (BELINKY, 1993, p. 5).

Como exemplo desses poemas, que podem ser mais assustadores, vejamos o a seguir:

O rei da floresta

(Johann Wolfgang Von Goethe)

Quem tarde cavalga floresta adentro,
Nas trevas da noite, no frio e no vento?
É o pai angustiado, seu filho no braço.
Seguro, agasalha-o no quente regaço.

— Filho, por que escondes o rosto com medo?
— Não vês, ó meu pai, lá, entre o arvoredado,
O Rei da Floresta, de manto e coroa?
— Meu filho, é apenas neblina que voa.

“Vem, linda criança, vem, fica comigo!
Brinquedos e jogos eu farei contigo.
Mil flores formosas florescem aqui,
Roupagens de ouro eu tenho pra ti!”

— Meu pai, tu não ouves, meu pai, tenho medo,
O Rei da Floresta me chama em segredo!
— Sossega, meu filho, é apenas a aragem,
É o vento que sopra e agita a folhagem!

“Vem, vem, meu menino, vem cá, vem a mim!
Minhas lindas filhas te esperam aqui!
As filhas que vão te embalar e ninar,
Cantando e dançando, histórias contar!”

— Meu pai, ó meu pai, no escuro, olha ali!
As filhas do Rei da Floresta — eu as vi!
— Meu filho, não temas, eu vejo também:
São vultos de velhos salgueiros, além!

“Me agradas, menino, eu te quero pra mim,
Se não vens por bem, levo-te mesmo assim!”
— Meu pai, ó meu pai, ele toca-me agora!
O Rei da Floresta quer levar-me embora!

O pai estremece, cavalga apressado,
Estreita a criança no braço gelado,
Por fim chega em casa, ele alcança a porta —
Nos braços do pai a criança está morta.

(BELINKY, 1993, p. 16-21).

Esse poema de Goethe, estruturado em versos de onze sílabas, traz a musicalidade comum a essa escolha rítmica, para ir construindo na imaginação do leitor a dúvida entre o que o menino descreve ver e a descrença do seu pai. Os diálogos vão compondo o suspense e a expectativa de que tudo que o menino diz ver e ouvir sejam fruto de sua imaginação, até o desfecho triste e inexorável.

Certa ironia maldosa parece estar presente no poema a seguir:

Três tias
(Wilhelm Busch)

A primeira tia disse:
— Precisamos já pensar,
Pra Soninha, nos seus anos,
Que presente vamos dar.

Então disse a segunda:
— Minha ideia, irmãs, é esta:
Um vestido verde-ervilha.
Essa cor Sônia detesta!

A terceira diz: — Concordo!
Verde a irrita pra valer!
Ela vai ficar furiosa.
Mas terá de agradecer!
(BELINKY, 1993, p. 24).

Já nesse poema, construído em versos de sete sílabas, temos a maquinação de três tias para dar um presente que deixe a sobrinha em situação constrangedora: chateada e ao mesmo tempo obrigada a agradecer. O caráter engraçado está presente, como também uma espécie de cotidiano caseiro.

Um caldeirão de poemas

As antologias *Um caldeirão de poemas* (2003) e *Um caldeirão de poemas 2* (2007), são publicadas com intervalo de quatro anos, na primeira década dos anos 2000. Diferentemente das comentadas anteriormente, estas não reúnem poemas traduzidos de apenas um idioma, mas são uma coletânea de poemas autorais, adaptados e traduzidos das seguintes línguas: inglês, alemão e russo. Cada poema é ilustrado por um artista diferente.

É importante comentar que, embora tenhamos, nas segundas capas dos livros, a informação de quantos poemas compõe cada obra, esse dado não se confirma quando fazemos uma contagem a partir dos títulos dos textos. Em *Um caldeirão de poemas*, embora descrito com sessenta e dois poemas, encontramos, na verdade, quarenta e oito, divididos em nove poemas autorais, e trinta e nove traduzidos. Já em *Um caldeirão de poemas 2*, temos a informação de que seriam cinquenta e três poemas, mas

encontramos quarenta, divididos de maneira mais equiparada, com vinte e dois autorais e dezoito traduzidos.

Em ambas as obras, são traduzidos não apenas poemas de autores consagrados, como Lewis Carrow, Edward Lear, Goethe, Emily Dickinson, mas também versos anônimos da tradição popular inglesa, alemã e russa.

Em *Um caldeirão de poemas* (2003), as traduções predominam, bem como a quantidade de poetas contemplados – ao todo, vinte. Nessa obra, os poemas da própria autora aparecem de maneira bem reduzida. Justamente por essa grande diversidade de autores, as temáticas e estilos dos poemas são bem diversos. Destaque merece, portanto, o título, cujo significado comum é o de panela grande, recipiente que aqui pode ser lido como o espaço em que cabe uma diversidade de poemas advindos de várias culturas.

Na apresentação, feita por Nelly Novaes Coelho, a pesquisadora resume bem a miscelânea que compõe essa obra de Belinky:

A nossa querida escritora reuniu uma boa safra de textos poéticos, ora alegres, ora líricos, ora absurdos e divertidos, ora tristes... A maioria deles, muito antigos, pertencentes ao folclore de vários países; outros, escritos por grandes mestres da poesia universal e que Tatiana vem traduzindo, adaptando ou recriando, em mais de um século de dedicação à literatura. (BELINKY, 2003, p. 5).

Vejamos, por exemplo, a musicalidade e abordagem bem-humorada de um poema popular russo:

Maluca é a rua!

A rua passava
Correndo na mão.
Por trás do cachorro
Latiu o portão.
A rua assustada
Correu contramão.

Então o porteiro
Mordeu o portão.
— Porteiro maluco! —

Gritou o portão.

— Maluca é a rua! —

Relincha o cão.

(BELINKY, 2003, p. 8).

A total inversão dos papéis confere às estrofes um caráter lúdico, brincalhão: quem corre é a rua, quem late é o portão, e o cão é quem relincha, em uma completa ausência de ensinamento de qualquer natureza.

Já no poema a seguir, predomina a linguagem mais formal e subjetiva de Walt Whitman:

Navegar

Ó, partir para o mar, navegar num navio!

Deixar este chão, terra firme, tediosa,

Deixar a enfadonha mesmice das ruas,

Das calçadas e casas,

Deixar-te, ó sólida terra, ó terra imóvel,

E embarcar num navio.

Navegar, navegar, navegar!

Ó, ser-me a vida agora um poema de júbilos novos!

E dançar, bater palmas, saltar, exultar,

E pular, e rolar, flutuar!

Ser marujo do mundo inteiro,

A caminho de todos os portos,

Ser o próprio navio — (vede as velas que eu iço

Ao sol e ao ar) —

Ser um ágil navio, enfunado, ligeiro,

Cheio de ricas palavras, de júbilos cheio!

(BELINKY, 2003, p. 10).

O poema tem um movimento curioso: o eu-lírico, inicialmente, deseja navegar, deixar a “terra firme,” “a mesmice das ruas” como que fugindo do tédio da “terra imóvel”. E o desejo de “dançar, bater palmas, saltar, exultar,/ E pular, e rolar, flutuar!” parece favorecer uma transmutação

no próprio navio. Entretanto, é importante comentar o fato de que o poema é construído de maneira tal que, como adverte Coelho, na apresentação, requisita uma certa disposição a releituras, por parte de um leitor menos experiente, para que o “quebra-cabeças” se revele completamente.

Temos também poemas de temática talvez incomum ao público infantil. Vejamos:

O sóbrio

(Poema anônimo traduzido do inglês)

Saí da taverna, de papo pro ar,
Mas senti o chão sob meus pés balançar...
O lado direito, o esquerdo, qual é?
Ó rua, está bêbada, por minha fé!

Lua, que estranha imagem é a tua!
Olhas tão vesga para a minha rua...
Ó velha amiga, tu estás embriagada —
Isto não te fica bem, camarada!

E os lampiões, que visão deprimente!
Nenhum só está firme, ereto, decente!
Todos oscilam pra cá e pra lá —
Cada um deles bêbado qual um gambá!

Tudo balança, é a maior confusão!
Sóbrio só resto eu, meu irmão!
Graça não tem eu aqui bater perna:
Acho melhor eu voltar pra taverna.

(BELINKY, 2003, p. 15).

Nesse poema inglês, vemos a descrição “deprimente” de um bêbado e de como ele “vê” o mundo na saída de uma taverna. Embora tenha um tom jocoso, esta talvez não seja uma experiência própria do universo infantil. Poderia, entretanto, talvez ser lido como uma brincadeira, sobretudo pela

inversão que o eu-lírico apresenta: é a lua que parece embriagada, e os postes “oscilam pra cá e pra lá”, “bêbados qual um gambá”.

E, como último exemplo sobre esse primeiro caldeirão, um poema estruturado em limeriques, forma que Belinky viria a usar prolificamente em sua produção infantil, como comentamos anteriormente:

Dois limeriques

(Edward Lear)

Um magro rapaz em Bilbao

De tanto comer só mingau

Em vez de crescer

Só fez encolher

Até virar catatau.

Um certo senhor de Pistóia

Costuma indagar: — Tudo jóia?

Indaga também:

— Daí, tudo bem?

Metido senhor de Pistóia!

(BELINKY, 2003, p. 13).

Limerique é um poema curto, de cinco versos, que possui ritmo extremamente regular, assim como seu esquema de rimas, em *aabba* (o primeiro, segundo e quinto verso rimam entre si, enquanto o terceiro e quarto formam outra rima). O lúdico aqui também está presente, sobretudo no “rapaz em Bilbao” que come “só mingau”.

Em *Um caldeirão de poemas 2* (2007), a quantidade de poemas autorais é superior à quantidade de traduções, e, talvez por isso, a diversidade de autores também é menor, são oito poetas traduzidos e mais alguns poemas anônimos ou de circulação popular. Neste, temos novamente escritores renomados, como William Shakespeare, e outros que se repetem, como Lewis Carroll e Edward Lear.

Na apresentação, feita por Heloisa Prieto, temos uma descrição igualmente poética dessa obra de Belinky:

Usando as palavras para desenhar novas criaturas e criações na imaginação dos leitores, ela brinca de trocar sons e sentidos e consegue arrancar as coisas de seus lugares habituais. Acontece que Tatiana faz bagunça de propósito, para deslocar os pensamentos de tudo que é rotineiro, e assim despertar o leitor para ver o mundo de modo surpreendente e original. (BELINKY, 2007, p. 7).

Nesse “caldeirão”, notamos novamente a presença de poemas estruturados em limeriques, como é o caso do exemplo a seguir:

Friolique

(Anônimo, adaptado do inglês)

Um homem de neve, de fora

Da porta, queria ir embora:

— Estou resfriado,

Imobilizado,

Sozinho e já passa da hora!

Então dirigiu-se ao vento:

— Ó, vento, me escuta um momento!

Lá dentro tem gente,

Lá deve estar quente!

Ó, vento, me sopra pra dentro!

Com dó do coitado, o vento

Pra dentro soprou o friorento,

Que bem aquecido

Ficou... derretido.

Foi esse o seu fim — eu lamento!

(BELINKY, 2003, p. 23).

O diálogo do “homem de neve” com o vento se constitui em um curioso animismo. O pedido para soprar “pra dentro” será atendido e redundará no fim do homem de neve. A sonoridade do limerique e o *nonsense* chamam a atenção do leitor e conferem gratuidade ao texto.

E, temos também, poemas mais longos, com características muito próximas do que conhecemos como fábulas, como é o caso do poema a seguir.

O porco e o carvalho
(Krylov)

Ao pé de um carvalho secular
Um porco se cevou, 'té se fartar',
Se enchendo de bolotas derrubadas no chão,
E então,
Adormeceu, saciado.
Mais tarde, estremunhado,
Mal acordou, o gordo bacorinho
Pôs-se a cavocar, com o focinho,
Debaixo das raízes do carvalho.
— Podes assim matar a árvore — do galho
Falou o corvo — ferindo-lhe as raízes!
— Ela que morra, corvo! O que dizes
Não me impressiona. Árvore, ora vela!
De que me serve a tal, qualquer que seja?
Ela que morra. A mim, só o que importa,
É que EU engorde, de comer bolota! —
Falou o porco, sem olhar pro galho.
— Ingrato! — respondeu-lhe o carvalho. —
Se levantasses teu focinho, ó bruto,
Verias que a bolota é o meu fruto,
E então não falaria mais assim,
Pois que bolotas, não as há, sem mim!

Assim, o ignorante cabeçudo
Nega o saber e fala mal do estudo,
Sem perceber, leviano, o tolo e bruto,
Que do saber *ele* aproveita o fruto.

(BELINKY, 2003, p. 67).

Como nas fábulas, há a presença do diálogo entre animais e, aqui também, com a planta. Está clara a lição, o desejo de ensinar, de chamar a atenção para a importância do estudo. O poema, portanto, é dividido em duas partes: na primeira, a cena do porco e de sua grosseria e falta de inteligência; na segunda, a lição de moral.

Considerações finais

Múltipla em sua produção infantil nos mais diversos gêneros literários, Belinky deixou sua contribuição indiscutível também no que se refere às traduções poéticas, mantendo o traço principal de sua produção, o humor, igualmente presente nas escolhas de poemas que selecionou para traduzir.

Os “di-versos” e os dois “caldeirões” resumem uma das principais características das traduções poéticas infantis de Belinky e o principal mérito dessa parte de sua obra: a possibilidade de que as crianças brasileiras tivessem acesso à produção em versos em língua estrangeira, em volume e diversidade que não foram reproduzidas por nenhum outro autor infantil em língua nacional.

Referências

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BELINKY, Tatiana. *Di-versos: Russos*. São Paulo: Scipione, 1990.

BELINKY, Tatiana; PERLOV, Mira. *Di-versos: Hebraicos*. São Paulo: Scipione, 1991.

BELINKY, Tatiana. *Di-versos: Alemães*. São Paulo: Scipione, 1993.

BELINKY, Tatiana. *Um caldeirão de poemas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

BELINKY, Tatiana. *Um caldeirão de poemas 2*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.

DEBUS, Eliana Santana Dias; TORRES, Marie-Hélène Catherine. Sobre a tradução de livros infantis e juvenis. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 36, n. 1, jan./abr., 2016.

LIMA, Lia A. Miranda de. A tradução na formação do sistema literário infantil brasileiro. *Revista Água Viva*, Brasília, v. 3, n. 2, ago./dez., 2018.